

## PANDEMIA DO COVID-19 E IMPACTOS SOBRE OS JOVENS: UM OLHAR ACERCA DE PESQUISAS REALIZADAS ENTRE 2020 E 2021 NO BRASIL

### COVID-19 PANDEMIC AND THE IMPACTS ON YOUNG PEOPLE: A LOOK INTO RESEARCH CONDUCTED IN 2020 AND 2021 IN BRAZIL

Tarcísio Augusto Alves SILVA\*   
Lizandra Cibely Diniz de FREITAS\*\* 

---

**Resumo:** A pandemia do covid-19 caracteriza-se por sua capacidade de contágio e adoecimento em massa, aspecto que atingiu o funcionamento das sociedades modernas, dada a intensidade de interações nela presente. Muito embora se observe que nos primeiros meses de acompanhamento da doença idosos e pessoas com comorbidade tenham sido os mais vulneráveis a ela, os jovens foram atingidos por seus efeitos "secundários". Nosso texto procura, portanto, evidenciar esses efeitos a partir de um trabalho de revisão sistemática de literatura e análise documental sobre os impactos da pandemia sobre os jovens no Brasil. Os resultados revelam que os efeitos "secundários" se estendem para além da saúde, em dimensões sociais e econômicas da vida dos jovens.

**Palavras-chave:** Pandemia. Juventude. Revisão sistemática. Brasil.

---

**Abstract:** The covid-19 pandemic is characterized by easy transmission and massive infection, aspects that have affected the dynamic of modern societies given the intensity of interactions they enable. Although in the first months of the pandemic, the elderly populations and individuals afflicted with comorbidities were the most vulnerable to the disease, the youth population was afflicted by “secondary” effects of the disease. Our article aims to discuss these effects through a systematic literature review and documentary analysis on the impacts of the pandemic on the youth in Brazil. The results reveal that the “secondary” effects extend beyond the health of the youth population to the social and economic dimension of their lives.

**Keywords:** Pandemic. Youth. Literature Review. Brazil.

---

Submetido em 04/02/2022.

Aceito em 03/03/2022.

---

\* Doutor em Sociologia, professor associado III do Departamento de Ciências Sociais e colaborador do PPGADT – Programa de Pós-graduação em Agroecologia e desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos, Recife - PE, 52171-900. E-mail: [tarcisiodeescada@gmail.com](mailto:tarcisiodeescada@gmail.com)

\*\*Estudante do Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista Programa de Iniciação Acadêmica(Bia)/ FACEPE/UFRPE. Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos, Recife - PE, 52171-900  
E-mail: [lizandralopes3@gmail.com](mailto:lizandralopes3@gmail.com)



## **INTRODUÇÃO**

A condição juvenil, entendida aqui como representação social sobre a juventude, implica não apenas a forma como a sociedade pensa os jovens, pois para além de todo o esforço que busca entender, capturar e enquadrar o comportamento de tais sujeitos, "a condição juvenil expressa o significado histórico, geracional, atribuído por uma sociedade específica à juventude" (TRANCOSO e OLIVEIRA, 2016:283).

Embora importante categoria analítica, no sentido de situar e demonstrar as expectativas sociais e qual o projeto educativo está focado a socialização desse grupo social, o conceito tende a dizer mais a respeito da sociedade onde se vivencia determinada experiência juvenil, do que sobre a própria juventude. Isso porque, mesmo considerando sociedades menos complexas e estratificadas, sempre haverá alguma especificidade (gênero, cor, posição social, estado civil) a ser considerada quando se deseja alcançar uma compreensão mais adequada em relação à juventude.

Quando miramos as sociedades ocidentais e identificamos um discurso vinculador da juventude a escola/universidade, reafirmamos um dos pilares da condição juvenil - o estar na escola (dimensão da preparação para o mundo do trabalho e à vida adulta). No entanto, o caráter homogeneizador do conceito tende a deixar de fora o contexto próprio das sociedades desiguais e a impossibilidade de muitos jovens não poderem usufruir de direitos sociais básicos, como a educação. Como consequência disso, o conceito tende a produzir miopias só possíveis de serem superadas quando analisada a situação juvenil, ou seja, o contexto específico de vivência de uma dada juventude.

Observando os impactos gerados pela covid-19, podemos afirmar que eles possam se estender aos anos vindouros tendendo a afetar de forma distinta, determinados grupos sociais, seja por sua fragilidade em relação à saúde, ou pelo mesmo por não terem sido contaminados pela doença, mas estarem expostos a outras facetas de seu impacto. Nesta lógica, não se pode afirmar que todos foram excluídos dos efeitos da precariedade social produzida como resultado da desaceleração da economia, fruto do isolamento social, orientado pelas organizações de saúde. Do contrário, segundo a Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2020) os jovens são mais vulneráveis às oscilações sentidas no mercado de trabalho.

Impactos na educação, no mundo do trabalho e na dimensão emocional são alguns aspectos pelos quais a pandemia se fez sentir entre a população mundial, e de forma especial entre os jovens. Passados os primeiros meses, no Brasil e no mundo, vários estudos procuraram revelar a profundidade e ilustrar entre mapas, gráficos e números aquilo que se conjecturava em torno dos efeitos da pandemia do coronavírus.

No presente texto buscamos selecionar e sistematizar algumas destas investigações focalizando aquelas cujos objetivos acenavam para compreensão dos contextos com os quais os jovens vivenciam/vivenciaram os processos educativos com a educação não presencial. A seleção considerou produções publicadas entre março de 2020 a março de 2021, por institutos de pesquisa de opinião, por instituições acadêmicas ou organizações não governamentais. Os dados foram coletados em plataformas de revistas científicas, em sites de instituições públicas e privadas que tivessem relação com o tema.

Intencionamos, portanto, apresentar uma reflexão sobre os impactos da pandemia do covid-19 sobre os jovens, com base nos dados secundários nos quais essas pesquisas nos permitiram sistematizar.

## 1. PARA ENTENDER O PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa adotou a metodologia de revisão sistemática de literatura e a pesquisa documental. O levantamento dos dados aconteceu em duas etapas distintas. A primeira efetivou-se com a busca por artigos nas bases de revistas acadêmicas brasileiras, que contivessem artigos publicados sobre os impactos da pandemia sobre a vida dos jovens no Brasil, na área de ciências humanas, durante o período de março de 2020 a junho de 2021. A investigação utilizou como recorte periódicos avaliados nos estratos A1 a B3 do Novo Qualis/CAPES. No processo de busca foram utilizados os seguintes descritores: Juventude, Jovem, Pandemia, Covid-19, Desigualdade e educação.

Inicialmente, a busca por artigos ocorreu nas bases de dados do Scielo, e Periódicos Capes e, noutro momento, procuramos acessar diretamente o site das revistas que não estavam alocadas em nenhuma dessas bases, conseguida da leitura dos títulos e de seus respectivos resumos com o intuito de delimitar e tornar objetiva a busca.

Como resultado desse processo, foram visitados mil, duzentas e dezoito periódicos, onde se destacou um maior número de correspondência no estrato Qualis A1, representando um quantitativo de seis artigos associados aos interesses do estudo neste estrato. O levantamento resultou na identificação de dez artigos relacionados aos impactos da pandemia sobre a vida dos jovens brasileiros. O quadro abaixo sintetiza o processo de busca e os resultados encontrados por estrato.

**Quadro 1** - Distribuição de artigos identificados

Total de Revistas encontradas	Qualis	Artigos identificados
128	A1	6
173	A2	0
197	A3	1
253	A4	3
206	B1	0
237	B2	0
248	B3	0

Fonte: os autores

A segunda etapa (documental) da investigação centrou-se no levantamento de pesquisas de opinião efetuadas por institutos, órgãos governamentais, Ongs, empresas e movimentos sociais, por meio de buscas no Google, fazendo uso dos mesmos descritores anteriormente citados. Desta etapa foi possíveis identificar as seguintes pesquisas:

**Quadro 2** - Levantamento de pesquisas identificadas

<b>Responsável</b>	<b>Título da pesquisa</b>
Conjuve	Juventude e a Pandemia do Coronavírus I e II fase
Datafolha/ Fundação Leman/Itaú Social/Imaginable Future	Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias (1ª, 2ª, 3ª onda)
Plan internacional	O impacto da COVID-19 sobre meninas e mulheres jovens

**Fonte:** os autores

Por fim, realizada a identificação do material procedemos à leitura dos trabalhos, fichamento dos artigos, classificação das temáticas, síntese dos resultados apresentados e análise crítica da produção selecionada.

## **2. A PANDEMIA DO COVID-19 E SEUS REFLEXOS SOCIOECONÔMICOS**

Em dezembro de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde) recebeu alerta sobre vários casos que estavam sendo identificados como um novo tipo de pneumonia. A notícia não chamou inicialmente atenção, pois não se sabia a causa, nem mesmo que se tratava de uma doença transmissível entre os seres humanos e que seria esse o início de uma nova pandemia. Uma semana após o surgimento dos casos, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram a identificação de um novo tipo de coronavírus.

Os primeiros casos foram detectados na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, que passou a ser considerada o epicentro, já que a cidade foi a primeira a ter seu sistema de saúde sobrecarregado devido aos casos da doença. Em 11 de janeiro, a China registrou a primeira morte pela doença e se tornou foco das notícias internacionais. No mesmo mês, países asiáticos como Japão, Tailândia e Índia confirmaram seus primeiros casos; a doença chegou na Europa pela França, seguindo para o Reino Unido, Itália e Suécia, além de cruzar o oceano Atlântico e chegar aos Estados Unidos, fazendo com que a OMS emitisse um alerta sobre a "emergência na saúde mundial". A partir daí, pesquisadores e

estudiosos de todo o mundo passaram a investigar o novo tipo de coronavírus e seus possíveis tratamentos e vacinas.

Sua chegada ao Brasil, em pouco tempo, refletiu a ampla conexão possibilitada pela globalização, seja por vias aéreas quanto marítimas, e ocorreu em fevereiro de 2020, no estado de São Paulo, no período de Carnaval, embora o paciente identificado tenha se contaminado em uma viagem à Itália.

Apesar de o primeiro caso mundial ter sido curado nesse mesmo mês, a situação foi considerada fora do controle e os países mais afetados decretaram quarentenas e lockdowns, fronteiras foram fechadas, aglomerações proibidas e apenas serviços essenciais, como supermercados e farmácias passaram a funcionar.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou oficialmente a pandemia do coronavírus. Nos meses seguintes o número de casos no Brasil crescia exponencialmente, e após cinco meses ultrapassar a marca de 100 mil óbitos (COSTA e TOMBESI, 2020). O número ascendente de casos fez com que o primeiro estado do país, Maranhão, entrasse em lockdown (bloqueio total das atividades), e logo em seguida todos os outros estados, de forma gradual, foram adotando medidas restritivas com o intuito de evitar o colapso no sistema de saúde.

Os efeitos das medidas restritivas trouxeram impactos até então pouco conhecidos para vida da sociedade atual, registrando-se o crescimento de antigos problemas, como o aumento da violência doméstica. De acordo com um levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (BUENO e LIMA, 2020), em cerca de 10 estados do país, o feminicídio aumentou em 22,2% de março para abril. Ao mesmo tempo, segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, (ISTOÉ DINHEIRO, 2020), a quantidade de denúncias de violência contra a mulher, recebidas no canal 190, cresceu quase 40% em relação ao mesmo mês de 2019, ou seja, o total de ligações registradas sob a natureza de violência doméstica, lesão corporal dolosa e ameaças se tornaram cada vez mais frequentes. Isto nos faz intuir que os efeitos da pandemia são multifacetados e tendem a afetar várias dimensões da vida em sociedade, para além daquelas circunscritas ao campo puramente da medicina.

Neste sentido, outra implicação das restrições impostas como o isolamento coletivo ocorreu com a saúde mental. O aumento de sintomas como: nervosismo, ansiedade, insônia, tristeza e depressão, provocados pelo temor e risco de adoecimento e morte encontraram no confinamento o ambiente propício para sua intensificação. Esse cenário problematizado pelo contexto anterior de excesso de trabalho, desemprego, frustrações e dificuldades de inserção social de muitos indivíduos, tornou o espaço doméstico um local de muita tensão.

Dados revelados pelo Observatório Febraban/Ipespe - Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas - (2021), Recorte Regional - março de 2021, mostram que a saúde mental foi citada por 57% dos entrevistados como uma das principais mudanças na vida dos brasileiros. Conforme a pesquisa, a região mais afetada, com 59% das respostas, foi o Centro-oeste do país apresentando aumento do sofrimento psicológico, sintomas psíquicos e até transtornos mentais. Em seguida está a região Norte (58%), depois o

Nordeste, com 57% dos entrevistados e empatadas, com o índice de 56%, estão as regiões Sul e Sudeste do Brasil.

A piora nos transtornos mentais, com a pandemia, conduziu as pessoas a terem comportamentos e até rotinas alteradas e prejudicadas, pois se encontram expostas a mais tempo de televisão e de internet, menos exercício físico, menos horas de sono, menos alimentação saudável e segundo pesquisa da Fiocruz (MAZZI, 2020), realizada entre abril e maio, 18% dos brasileiros entrevistados aumentaram seu consumo de álcool durante a pandemia, enquanto o consumo de cigarros cresceu 34%.

A educação, por sua vez, foi um dos setores mais sensíveis aos impactos provocados pela pandemia, destacando-se pela forma com que as desigualdades sociais se manifestaram, sobretudo, no caso da educação pública. A situação trouxe visibilidade para a falta de recursos digitais, a dificuldade de aprendizagem e adaptação ao ensino remoto, as diferenças entre gerações de professores para a utilização de tecnologias da informação, além do fato de muitos estudantes não residirem em ambientes favoráveis ao aprendizado e até mesmo a indisponibilidade de equipamentos de telefonia móvel, computacionais, ou internet. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (BARROS, 2021), no fim do ano de 2019, 4,1 milhão de estudantes brasileiros não tinham acesso à internet.

Do ponto de vista econômico, a retração da economia se tornou um elemento de preocupação, uma vez que as taxas de desemprego no Brasil já se apresentavam altas desde 2017, o fechamento de estabelecimentos e a queda do PIB (Produto Interno Bruto) apenas fizeram com que essa situação piorasse. A esse respeito, o IBGE identificou que no ano de 2020 o PIB caiu 4,1% comparado ao ano de 2019, sendo a menor taxa da série histórica, iniciada em 1996. (BARBOSA, 2021)

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) mostram que a taxa média de desocupação para o ano de 2020 foi de 13,5%, a maior desde 2012, isso correspondeu a cerca de 13,9 milhões de pessoas na fila por um trabalho no país. (BARROS, 2021).

Com uma maior preocupação com o isolamento por parte de autoridades sanitárias e restrições a várias atividades econômicas, ocorre o fechamento de 1,4 milhões de postos de trabalho em apenas 3 meses, havendo um aumento no número de desempregados no país. (CORREIA, 2020).

As medidas tomadas pelo governo se voltaram ao incentivo ao consumo, tendo o auxílio emergencial e a permissão de saques do FGTS emergencial, as estratégias para atenuar as perdas de renda da população com a pandemia. O auxílio serviu para intensificar as compras no mercado e a busca por itens básicos, fazendo com que a medida se tornasse fundamental para os resultados positivos do setor alimentício.

Por outro lado, os impactos da pandemia do covid-19 no Brasil poderiam ter sido atenuados se não fosse o contexto político e posição ideológica e negacionista assumida pelo governo federal. Segundo o Inesc - Instituto de Estudos Socioeconômicos - (2021), "Um país sufocado - balanço do Orçamento Geral da União", o governo federal deixou de gastar 80,7 bilhões do orçamento destinado a conter os efeitos da pandemia em 2020. De acordo com Rebello (2021), no Orçamento do governo federal de 2020 foi

estabelecido um gasto de R\$ 604,7 bilhões para conter o avanço da covid-19 e suavizar os efeitos da pandemia na economia brasileira, no entanto, desse valor, 28,9 bilhões não foram investidos, fazendo com que um setor prioritário como a saúde, ficasse desassistido, sobretudo com ações educativas na mídia. Ademais, o incentivo à propagação do covid-19 e os gastos do governo com o uso de medicamentos sem eficácia comprovada (GRANCHI, 2020), fez com que Bolsonaro fosse considerado o maior influenciador mundial da cloroquina, segundo notícia publicada pelo Estadão Conteúdo (ISTOÉ, 2021). Além disso, a lista de ações do governo federal que favoreceram a propagação do vírus e, conseqüentemente, o aumento do número de mortes é bem ampla, entre as quais podemos citar: a) estímulo ao não uso de máscaras; b) incitação à aglomeração; c) rejeição à compra de vacinas com eficácia comprovada, c) ausência de um plano de estímulo à economia; d) Ausência de uma plano nacional de enfrentamento à pandemia em união com os estado; e) ataque aos governadores que decretaram ações mais rígidas de confinamento em seus estados.

Do ponto de vista dos(as) pesquisadores(as) do Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP) e a Conectas Direitos Humanos (AITH, ASANO, REIS, VENTURA, e SOUSA, 2020) existe uma estratégia institucional de propagação do vírus, promovida pelo Governo Federal brasileiro. Ademais, "O grande número de normas estaduais que instituem medidas de saúde pública reflete a omissão legislativa da União, que deixou, sobretudo aos Estados a ingrata tarefa de normatizar as medidas de contenção da pandemia"(p.02).

Desse conjunto de fatos o que se conclui é que embora o governo federal tenha efetivado ações, tardias, de combate aos efeitos do covid-19, é importante ressaltar que se não fosse o desinteresse, negativismo e a negligência do mesmo com a pandemia, centenas de vidas não teriam sido perdidas.

### **3. SITUAÇÃO JUVENIL NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL**

A situação juvenil é uma categoria sociológica que expressa uma radiografia de como experiências tão diversas cercam o universo juvenil. Ela revela a cotidianidade com a qual se experimenta a juventude em espaços concretos de vida. Por isso, é uma ferramenta analítica não complexa capaz de dar conta de certas especificidades que ideias muito genéricas, relativas à vivência da juventude, não conseguem capturar.

Dito isso, a análise de desigualdades socioeconômicas permite que se revise a realidade na qual essa situação juvenil ganha relevo e reforça a compreensão de pluralidade em torno da ideia de juventude. O caso da pandemia do Covid-19 traduz, neste sentido, uma experiência singular porque, de algum modo, colocou uma lupa sobre a problemática da desigualdade, permitindo com que certas naturalizações na ordem assimétrica de distribuição da riqueza pudessem voltar à cena nos noticiários, apesar deste fato produzir pouca ou nenhuma sensibilização por parte do governo federal.

A pandemia e as estratégias de enfrentamento propostas pelos especialistas e órgãos de saúde conduziram a lógica do isolamento social como forma de redução do contágio. Esse processo reverberou em ondas em torno da economia, rebatendo sobre a dinâmica do mercado de trabalho, ampliando o índice

de desemprego e, ao mesmo tempo, determinando quem poderia ou não se valer do isolamento social para evitar o adoecimento.

Dois campos intimamente ligados à vivência das juventudes foram impactados: o educacional e o mercado de trabalho. No primeiro, a precariedade do ensino remoto, sobretudo, em escolas públicas expôs as dificuldades de acesso à internet, falta de formação docente para lidar com tecnologias da informação e comunicação, ambientes de estudos inapropriados nas residências dos estudantes, descompasso no atendimento das necessidades reais da educação e processos de adoecimento, além das fragilidades dos vínculos escolares. Todo este processo favoreceu outros amplificadores: a evasão e desistência escolar além dos baixos rendimentos associados aos estudos.

Do ponto de vista do mercado de trabalho, seu encolhimento favoreceu a exploração de estratégias autônomas relacionadas ao trabalho precário em aplicativos de entrega ou transporte de passageiros. Para Pais (2003) "Os modos precários de vida que caracterizam a condição juvenil tendem a conferir um grau forte de indeterminação ao futuro de muitos jovens. De tal forma que é mesmo problemático falar de "transição" para a vida adulta". (p.66)

Neste contexto, não há novidade além da intensificação de processos de exclusão e precarização que marcam a trajetória de muitos jovens, principalmente aqueles caracterizados por sua origem periférica e cor. Anteriormente a pandemia, eram os jovens o grupo social mais atingido pelos altos índices de desemprego. Do mesmo modo que é ele o mais inserido em formas de trabalho precário e subemprego.

Um impacto significativo nas vidas jovens pode se expressar no contexto do isolamento social a partir das formas de sociabilidade que são mais intensas em grupos juvenis. Por isso, o fechamento de escolas e o distanciamento físico frustraram projetos e perspectivas de muitos estudantes, que não puderam sair de casa para estudar, diminuindo interações físicas ao se considerar o espaço escolar como local de encontros.

#### **4. O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE OS IMPACTOS DO COVID-19 SOBRE OS JOVENS?**

Neste tópico, buscamos sistematizar os resultados de diversas investigações sobre os impactos da pandemia nas juventudes brasileiras, publicados em artigos de periódicos científicos nacionais e aquelas fruto de pesquisas realizadas por empresas, institutos, fundações, Organizações não governamentais (Ongs) e do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) disponíveis na internet.

No que se refere aos artigos científicos, dado ao recorte metodológico realizado por nossa investigação, observamos que o período de avaliação e a publicação dos textos pelas revistas acadêmicas pode ter influenciado no baixo quantitativo de trabalhos encontrados. Ao todo, dez trabalhos acadêmicos foram identificados como relacionados ao tema da investigação. No entanto, entre eles, três, não são frutos de uma pesquisa, caracterizando-se como ensaios.

O tema “trabalho” se destaca entre os artigos analisados. Eles apresentam elementos que revelam a piora nas condições laborais, os baixos valores pagos aos trabalhadores, e o quanto as variáveis cor e classe social demonstram como mais precarizado o trabalho, maior a inserção de jovens negros e periféricos neles. Nesta mesma temática os artigos indicam que a necessidade de trabalhar para sustentar-se, ou complementar a renda de suas famílias, se intensificou com a crise econômica e a noção de que jovens pobres, de todas as faixas etárias, estão cada vez mais expostos a trabalhos com jornadas extenuantes. Como podemos verificar na afirmação de Abílio:

A partir de dados secundários, aponta-se que essa degradação do trabalho não se realiza de forma homogênea, mas se produz e reproduz nas diferentes interseções de desigualdades estruturantes da sociedade brasileira. Por meio da comparação entre entregadores celetistas e uberizados, evidencia-se que, quanto mais socialmente desprotegida e mais mal remunerada, mais juvenil e negra é a ocupação de entregador. Empregos que são exercidos em jornadas extensas e extenuantes, compondo a condição de um jovem temporário-permanente que traça suas estratégias de sobrevivência de modo subordinado estão cada vez mais populares. (ABÍLIO, 2020: p. 2-3)

Outro tema presente nos artigos publicados é a “educação”, este aparece como o mais citado, estando presente em seis artigos. Consta desta temática evidências dos problemas produzidos pela pandemia na educação básica e superior, ocupando-se de como as raízes das desigualdades se ramificaram intensificadas com a necessidade de acesso à “internet” para realização de aulas remotas. Observam, no entanto, que o acesso a equipamentos e internet são condições necessárias, mas não suficientes para aprendizagem no modelo de ensino remoto. Pois, para que a aprendizagem ocorra muitos estudantes dependem da organização do espaço, mas, sobretudo, do acompanhamento familiar.

As frustrações, impedimentos e condições econômicas são elementos impulsionadores da evasão escolar no ambiente da pandemia. No caso específico do não acesso à internet, este deve ser resolvido com políticas públicas. No entanto, elas têm se mostrado especialmente ausentes, sendo esta ausência a própria política do governo federal. Por outro lado, a vivência da educação requer além da dimensão prático/material a superação do sentimento de impotência dos jovens para se manterem focados e estáveis em uma situação caótica e de incertezas quanto ao futuro. Esse fato foi observado por Carvalho (2020) ao evidenciar uma situação vivida:

Embora sua aula remota já houvesse terminado há mais de meia-hora, Maya permanecia em seu quarto, ignorando que chegara a hora do almoço. Bati a sua porta e ela a abriu com uma expressão que revelava mais tédio do que contrariedade. Respondeu a minha pergunta de forma tão automática quanto à que recorri em minha indagação. Sim, tudo havia corrido normalmente na aula, me assegurou. Rompi com o automatismo das frases feitas e lhe indaguei acerca de seu desânimo, desta feita com meus olhos cravados nos seus, como quem interroga a alma. Não tinha sido uma aula regular, ela me explicou, mas um debate, como sempre acontece no horário que denominam ‘espaço de debate’. O tema? Como os alunos se sentiam em face da pandemia que já durava meses. Tal como na semana anterior, e nas que a antecederam, os professores retomavam a mesma pergunta e os alunos repetiam as mesmas respostas, reproduzindo clichês midiáticos.

Procurei lhe explicar que esse gesto revelava uma preocupação sincera da escola com o bem-estar de seus alunos; que eles sabiam que a situação era excepcional e exigia cuidados. Ela riu, não sem sarcasmo, e pôs um ponto final contundente ao meu esforço pedagógico: ‘Pai, tem um monte de gente morrendo, a gente fica olhando uma tela, fazendo exercícios de matemática e de inglês. Depois eles perguntam como estamos nos sentindo! Ah, faz favor...vamos almoçar’. (CARVALHO, 2020)

Por fim, é importante destacar que as investigações sobre o tema educação, pandemia e juventude reforçam a importância da socialização e da escola (LUZ, et al., 2020:188) na análise cotidiana das relações que se estabelecem entre a sociedade e os jovens.

O tema “cultura” foi destacado em dois artigos, apresentando experiências de juventudes bem diversas, um deles discute como a pandemia impactou sobre a vivência de quadrilhas juninas, sobretudo o fato delas abrigarem pessoas LGBTI+, sendo a diversidade juvenil um componente das características desses grupos, como observam os autores:

[...] o aspecto que talvez mais identifique os grupos juninos hoje seja a forte presença de pessoas LGBTI+, que hoje representam a base de sustentação dessa manifestação. Chama atenção para o fato de que tais pessoas estão presentes nos diferentes setores do espetáculo, exercendo uma influência direta na produção e nos rumos que ele tem tomado, nos levando a crer que os saberes/fazeres dos sujeitos LGBTI+ têm se tornado fundamentais dentro da manifestação” (CASTRO e PAIVA, 2021: p. 6)

Como discutem os autores, as quadrilhas juninas representam um processo de inclusão para jovens que costumam ser discriminados, no entanto, a pandemia ao impedir as exposições das mesmas, resultou em formas de desamparo de suas maneiras de existir.

No geral, os artigos analisados mostram dificuldades e sofrimentos e revelam perspectivas negativas relacionadas aos impasses crescentes para muitos jovens efetivarem seus projetos de escolarização, de profissão e de vida, pois seus estudos, trabalho, formas ampliadas de socialização e as perspectivas de futuro foram brutalmente atingidos pela pandemia. Soma-se a isso, os cenários anteriores de precarização e instabilidade em relação ao mundo do trabalho e a oferta de políticas públicas de educação, de lazer e de cultura direcionadas às populações mais pobres, processos estes que comprometem a formação da autonomia juvenil.

Referente aos resultados de pesquisas de opinião realizadas por empresas, organizações não governamentais, institutos e fundações, identificadas na internet, chegamos a um total de três levantamentos associados ao tema do estudo. Estas pesquisas focalizam diversos aspectos como: saúde, situação econômica, hábitos, trabalho e, principalmente, educação.

Consideramos a pesquisa produzida pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) como a mais completa no montante dos estudos identificados, pois é referenciada, quase sempre, por todas as outras. O estudo apresenta duas edições publicadas em Junho de 2020 e Maio de 2021, respectivamente.

A primeira edição da pesquisa do Conjuve apresenta os primeiros impactos da pandemia sobre os jovens expressos na mudança de hábitos alimentares, no relacionamento familiar, na qualidade do sono e

no estado emocional. A investigação revela que quanto mais velhos os jovens, mais provável que morem com filhos ou companheiros. Sobre estes, um dado preocupante é que a renda familiar foi mais afetada do que a renda pessoal de jovens. No quesito ensino e educação, registram as queixas como a falta de tempo para conseguir estudar, a inadequação de equipamentos para os estudos, além das dificuldades de acesso à internet.

O recorte racial é revelado quando equipamentos como: computador ou notebook, videogame e tablet são menos utilizados entre jovens negros (pretos e pardos). Outro aspecto apontado na primeira edição são as dificuldades da maioria dos professores para dar aula à distância. Soma-se a isso, a falta de um ambiente tranquilo para estudar, e os obstáculos que se apresentam para os estudantes quando necessitam esclarecer dúvidas com professores, sem contato presencial. Esse conjunto de fatores associados ao aspecto emocional (medo, ansiedade, estresse etc.) tiveram grandes repercussões sobre a vida de muitos jovens a ponto dos dados apresentados indicarem um grande percentual de estudantes que no momento da coleta de dados apontarem a possibilidade de abandonarem os estudos.

Desde o início da pandemia houve um grande crescimento de jovens pensando em não voltar a estudar: de 3 a cada 10 passam para 4 a cada 10 jovens matriculados que admitem já ter pensado em parar os estudos. Tendo um percentual em 2020 de 28% e em 2021 de 43%. (CONJUVE, 2021: p. 68)

A segunda edição da pesquisa do Conjuve, mostra um aumento da proporção de jovens que não estudam e não trabalham, passando de 10%, em 2020, para 16% em 2021. E, ao mesmo tempo, uma redução de 32% para 25% em 2021 aqueles que estudam e trabalham, impactando sobre o processo de autonomia destes sujeitos uma vez que pode frustrar projetos e perspectivas de futuro associados à educação.

A pesquisa mostra também que a posse de dispositivos eletrônicos é bastante elevada entre os respondentes, contudo uma parcela significativa precisa compartilhar esses aparelhos com outras pessoas em casa, limitando os usos para estudo e/ou trabalho. Apesar de tudo, em 2021 foi possível notar através da avaliação uma mudança positiva referente aos relacionamentos domésticos e alimentação, mas quanto aos outros "hábitos", continua o desafio.

Atinente à educação e ao ensino, após um ano de pandemia, verifica-se um aumento no número de jovens que não estão estudando. Dos 36% que em 2021 declararam não estar na escola ou faculdade, 6% trancaram ou cancelaram sua matrícula e 29% consideram ter concluído os estudos. Ainda assim, a maioria dos jovens está matriculada e acompanhando as aulas, mas há um número expressivo daqueles que não se incluem nestes dados, ou ainda, que precisaram trancar a matrícula durante a pandemia, principalmente entre os mais velhos. (CONJUVE, 2021:57)

Outra pesquisa identificada com os objetivos de nosso estudo foi: "Educação não presencial", da Datafolha (2020), realizada de Maio a Julho e dividida em 3 edições (nomeadas de ondas). Em sua primeira onda, a pesquisa identificou que 74,4% dos estudantes participaram de algum tipo de atividade pedagógica

não presencial e que 86% dos estudantes do ensino médio tiveram acesso a atividades remotas e, 81% dos estudantes da rede estadual receberam algum tipo de material para as atividades em casa, contra 68% da rede municipal, ratificando as distâncias entre as redes. Importante ressaltar que mesmo a pesquisa revelando um número alto de estudantes atingidos, é necessária a promoção de políticas públicas que busquem incluir o conjunto de estudantes que ficaram sem esta cobertura/atendimento. Por isso, embora se possa festejar tais dados, não se deve descuidar daqueles que foram e continuam sendo expropriados do direito à educação, da saúde, do lazer e do trabalho digno.

Por outro lado, o contexto da pandemia parece consolidar aquilo que Pais(2003:25-26) afirma ao constatar que "os cursos de vida, entre os jovens, são textos cada vez mais bifurcados e baralhados, porque também os respectivos contextos de vida são cada vez mais instáveis e variáveis".

Outro dado presente na pesquisa demonstra que a falta de equipamentos e interesse são principais motivos para não serem feitas todas as atividades em casa, além do fato que no ensino médio 69% não receberam orientações e apoio por parte da instituição de ensino de como lidar com a mudança repentina que influencia além de outros fatores, no quantitativo de 31% de famílias que temem dos estudantes desistirem da escola, sendo esses, 37% estudantes da cor preta, 35% estudantes da cor parda e 34% em jovens de 15 a 18 anos.

Na segunda onda, os índices mostram que a participação, acesso e interesse/motivação dos jovens só piorou. Apesar disso, na onda 3, obtiveram índices melhores referente ao acesso a atividades na rede municipal e estadual, conseguinte de uma piora intensa na desmotivação, na dificuldade de manter rotina, na piora no relacionamento familiar e no risco de desistência escolar tendo como justificativa o fato de não conseguir acompanhar as atividades.

No conjunto das pesquisas realizadas pelo Conjuve e pela Datafolha, pode-se observar que a intensificação do isolamento social, a queda da renda familiar e o ensino remoto produziram diferentes impactos sobre a trajetória educativa de muitos jovens, sobretudo, aqueles atendidos pela educação pública. Além, dos possíveis problemas educativos relacionados ao rebaixamento da aprendizagem e das competências necessárias à formação dos estudantes, seja da educação básica ou superior, as pesquisas convergem ao mostrar um processo de maior intensificação da desistência e evasão escolar.

A última pesquisa analisada refere-se ao relatório produzido por Goulds; Fergus e Winslow (2020): *Halting Lives: O impacto do COVID-19 em meninas e mulheres jovens*, para a organização Plan Internacional. Como o próprio título deixa claro, o estudo focalizou mulheres adolescentes e jovens (14-25 anos) e foi realizado com amostras de diversos países, incluindo o Brasil. O trabalho mostra que a pandemia "têm um impacto maior sobre as meninas, afetando sua saúde mental, aumentando suas responsabilidades domésticas e tornando-as mais propensas a abandonar a escola do que os meninos" (GOULDS; FERGUS e WINSLOW, 2020:10).

Em todos os países pesquisados é perceptível que as mulheres são mais vulneráveis aos impactos secundários (doenças infecciosas, os efeitos do acesso reduzido a serviços de saúde e direitos sexuais e

reprodutivos (SDSR)) do covid-19. Além do aumento dos índices de doenças psíquicas e da violência doméstica (física, psicológica e sexual).

Os dados apresentados pelos trabalhos aqui identificados refletem uma radiografia das dificuldades que muitos jovens enfrentam com a pandemia do covid-19. Apesar disso, o que encontramos é a radicalização de situações de desigualdades que antecedem a própria disseminação global da doença, situação que tende a se agravar, sobretudo em países onde existe precariedade de sistemas de seguridade social, trabalho e educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em pleno século XXI poucos se davam a preocupação de pensar na existência de doenças pandêmicas. No muito, aquele surto ou endemia, dessa ou daquela doença, talvez mobilizasse as pessoas para alguma reflexão e cuidado. No entanto, é tarefa permanente de muitos especialistas acompanhar, seguidos do silêncio de governos e dos meios de comunicação, as origens, os efeitos, as possibilidades de evolução e frequência com que a humanidade se defronta com tais eventos.

Por isso, um cenário de pandemia traz à tona, definitivamente, o papel da ciência no enfrentamento desse tipo de mal, embora para muitos, ela seja subproduto do desenvolvimento e capitalização do próprio conhecimento científico ao transgredir a lógica e funcionamento da natureza.

Existem muitos grupos populacionais atingidos em suas particularidades, de forma mais ou menos profunda, pela pandemia do covid-19. Os jovens compõem um destes grupos e se faz necessário compreender a extensão dos impactos sobre suas vidas. Primeiramente, porque se viram atingidos pelo fechamento de escolas, local onde vivem parte de sua sociabilidade e trocas intensas interações sociais. Em segundo lugar, porque em diversos países como o Brasil, parte desta população se encontrava ora por inserir-se no mercado de trabalho, vislumbrando mais autonomia para vida adulta, ora porque necessitam contribuir para renda familiar.

O que se sabe é que, parte deles foi forçado a abandonar a escola, embora isso não seja uma novidade estatística no caso brasileiro. O que chamará atenção, neste percurso, é a aceleração e intensificação deste processo, desencadeado pelas estratégias de "isolamento social" e pela precarização das redes de assistência, ou suporte as necessidades básicas, dos grupos mais vulneráveis na ofertar de educação, alimentação, "segurança" e "lazer".

Embora o conjunto dos textos e pesquisas analisados demonstre, por seu quantitativo, uma menor atenção a compreensão dos impactos da pandemia sobre as juventudes, é evidente que eles trazem vários aspectos de confluência entre si. Mesmo os artigos tratando de temáticas diversas, eles nos permitem entender dimensões como a educação, o trabalho e a cultura são campos em que se pode verificar como a vivência das juventudes se distingue a partir dos impactos que grupos específicos de jovens recebem.

Isso posto, as investigações de maior escopo amostral, como o caso da pesquisa do Conjuve, nos apresentam um painel mais preciso das condições pelas quais os jovens brasileiros se viram atingidos por um processo global de adoecimento. Embora possamos afirmar que todos foram impactados, um filtro sempre será necessário para demonstrar como a desigualdade social delinea os contornos e danos aqueles que não possuem as condições materiais, mínimas, para passar por este momento sem maiores dificuldades.

Finalmente, espera-se que os resultados de grandes investigações, e o conjunto daquelas de menor escopo, sirvam para subsidiar políticas públicas urgentes que atenuem novos impactos socioeconômicos, de modo evitar maiores comprometimentos aos projetos de vida de nossos jovens.

## REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila. UBERIZAÇÃO E JUVENTUDE PERIFÉRICA: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. **Novos estudos CEBRAP** [online]. 2020, v. 39, n. 3, pp. 579-597. Disponível em: <https://bit.ly/3i3JzSv> Acesso em: 15 Jan 2021.
- AITH, Fernando. M. A. ; ASANO, Camila. ; REIS, Rossana. R. ; VENTURA, Deyse. F. L. ; SOUSA, Tatiane. M. . **Direitos na pandemia**. Boletim de difusão científica n. 09 - Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2UHM97E> Acesso em 27 jun. de 2021.
- BARBOSA. Mariana. Diante da pandemia, economia brasileira cai 4,1% em 2020. **Correio Braziliense**. PIB, 03 de mar. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/2TnwMRp> Acesso em: 7 jun. 2021.
- BARROS, Alexandre. PNAD Contínua. Internet chega a 88,1% dos estudantes, mas 4,1 milhões da rede pública não tinham acesso em 2019. **Agência IBGE Notícias**. Disponível em: <https://bit.ly/3qDsQZ0>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- BUENO, Samira e LIMA, Renato Sérgio de. (Coord). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020**. [S. l.]. Disponível em: <https://bit.ly/3h7lwBV> Acesso em: 4 jun. 2021.
- CARVALHO, José. Um Sentido para a Experiência Escolar em Tempos de Pandemia. **Educação & Realidade** [online]. 2021, v. 45, n. 4. Disponível em: <https://bityli.com/UBvVT> Acesso em 02 Agosto 2021
- CASTRO, Thiago. PAIVA, Antonio. São João em tempos de Covid-19: os impactos da pandemia do novo coronavírus nas experiências de participantes de quadrilhas juninas no interior cearense. **Horizontes antropológicos** 2021, v. 27, n. 59. Disponível em: <https://bityli.com/jhEzM> Acesso em 10 de Agosto de 2021
- CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude –. **Pesquisa Juventude e a Pandemia do Coronavírus**. Junho/2020 Disponível em: <https://bityli.com/03XkpjC> Acesso em: 19 jul 2020
- CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude. Juventudes e a Pandemia do Coronavírus 2º edição - Relatório Nacional. **Conjuve** 2021. Disponível em: <https://bityli.com/jAHIY>. Acesso em: 20 de Julho de 2021.
- CORREIA, Marcello. Em três meses de pandemia, Brasil fecha 1,4 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. In: **O Globo**. Economia. Disponível em: <https://glo.bo/3gSBP5d> Acesso em 24 jun. 2021.

COSTA, Camilla; TOMBESI, Cecilia. 100 mil mortos por covid-19: e se todas as vítimas estivessem no mesmo lugar? **BBC NEWS**, Brasil, 8 de agosto de 2020. Disponível em: <https://bbc.in/2Tg8x7F> Acesso em 20 jun. 2021.

DATAFOLHA **Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias**. Primeira onda, São Paulo: 18 a 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://shortest.link/2r4G> Acesso em 25 set. 2020

DATAFOLHA **Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias**. Segunda onda, São Paulo: 11 a 20 de junho de 2020. Disponível em: <https://shortest.link/2r4J> Acesso em 25 set. 2020

DATAFOLHA **Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias**. Terceira onda, São Paulo: 7 a 15 de julho de 2020. Disponível em: <https://shortest.link/2y3j> Acesso em 25 set. 2020.

GRANCHI, Giulia. Hidroxicloroquina é ineficaz para covid-19, diz maior estudo brasileiro. **VivaBem uol**, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://bitly.com/miexa> Acesso em: 13 jun. 2021.

GOULDS, Sharon; FERGUS, Isobel; WINSLOW, Esther. **Halting Lives: O impacto do COVID-19 em meninas e mulheres jovens**. 20 de setembro – 2020. Plan International. Disponível em: <https://bitly.com/rH5gCsE> Acesso em 14 maio de 2021

ILO - International Labor Organization. **ILO Monitor: COVID-19 and the world of work**. Fourth edition Updated estimates and analysis. Geneva, 27 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3cNkf00> Acesso em 27 set 2020.

INESC - INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Um país sufocado – Balanço do Orçamento Geral da União 2020. **Inesc**, Brasília, abril de 2021. Disponível em: <https://bit.ly/2UgXewg> . Acesso em: 10 jun. 2021.

ISTOÉDINHEIRO. Violência contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40%. **Estadão conteúdo**, 01.06. 2020. Disponível em: <https://bitly.com/FlcPU> . Acesso em: 5 jun. 2021.

ISTOÉ. Bolsonaro é o maior influenciador da cloroquina no mundo, aponta levantamento. Edição 2684, de 25.06.2021. **Estadão Conteúdo**. Disponível em: <https://bit.ly/365Z2KZ>. Acesso em: 30 jun. 2021.

LUZ, Lia. C.X.; FEFFERMANN, Marisa.; ABRAMOVAY, Miriam.; WEISHEIMER, Nilson.; FERREIRA, Maria.; VERÔNICA CAVALCANTE, Francisca.; DA SILVA, Ana. P.; CRISTINA LOPES, I. Os jovens brasileiros em tempos de covid-19. **Princípios**, v. 40, n. 160, p. 177 - 207, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/cU5QACu> Acessado em 14 fevereiro de 2021.

MAZZI, Carolina. Consumo de cigarro aumentou para 34% dos fumantes brasileiros durante a pandemia, diz pesquisa da Fiocruz. **O GLOBO**. Sociedade, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2UZ2Mfj>. Acesso em: 5 jun. 2021.

OBSERVATÓRIO FEBRABAN. **Covid e Vacinação – recorte regional**. Março de 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3xapyir>. Acesso em: 4 jun. 2021.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscoites. Jovens, trabalho e futuro**. 4ª edição. Porto: Ambar, 2003.

REBELLO, Aiuri. O governo deixou de gastar 80,7 bilhões de reais destinados à pandemia em 2020. **EL PAÍS**, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://bitly.com/U2AO5l> l. Acesso em: 10 jun. 2021.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 2, p. 278-294, dez. 2016. Disponível em <https://bit.ly/2Ubaqmi> Acesso em: 09 fev. 2021.

---

**Contribuições dos autores:**

**Tarcísio Augusto Alves Silva:** Concepção do trabalho, introdução, revisão do conteúdo.

**Lizandra Cibely Diniz de Freitas:** Concepção do trabalho, introdução, revisão do conteúdo.

---